

New Delhi

p. D. Ernesto Th. Schlieper

Foi uma experiência nova, inesquecível, para todos que dela participaram, a Terceira Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas, em Nova Delhi. Essa moderna capital da Índia, um país com mais de 400 milhões de habitantes e uma pequena minoria de cristãos, uma cidade na qual, ao lado dos luxuosos palácios, mesquitas e templos hindús suntuosos, se encontra indizível miséria e pobreza, homens famintos e exaustos deitados à beira da rua, essa cidade abrigou por três semanas uma das maiores assembléias cristãs que jamais tem havido, e que não pode ficar despercebida ao mundo, nem à velha Índia pagã. 1.600 pessoas, das quais 600 como delegados de Igrejas de todo o mundo, de 18 de novembro a 6 de dezembro de 1961, estavam reunidas para discutirem o que significa, hoje, para o mundo e seus problemas e para as Igrejas e sua atuação, que Jesus Cristo é a luz do mundo. Pela primeira vez na história ecumênica, a Igreja Católica Romana não permaneceu inteiramente afastada, mas esteve representada, oficialmente, por quatro sacerdotes na qualidade de observadores.

Já a abertura da conferência, o culto na manhã de 18 de novembro, numa grande tenda, construída especialmente para este fim pelos cristãos da Índia, com espaço suficiente para todos os participantes, deu uma primeira impressão do que seria essa conferência: uma reunião de cristãos de tôdas as nações e tôdas as denominações, de cristãos que sabem perfeitamente de tudo o que os separa, mas que sabem ao mesmo tempo que o Senhor ao qual todos querem servir, Jesus Cristo, quer que todos sejam um. Foi um culto ecumênico: hinos cantados em várias línguas, orações em inglês, leituras bíblicas em alemão e francês, o Credo Nícano em língua grega, o Pai nosso na língua materna de cada participante. Havia uma comunhão que ultrapassava os limites da própria denominação — a comunhão na adoração de Cristo, único Senhor.

A primeira sessão plenária foi aberta pelo Bispo D. Dibelius, com as palavras: «Na vida do mundo reina a violência; mas a violência não resolve problemas, somente cria novos, e ninguém sabe resolvê-los. Mas Jesus Cristo está no mundo. Ele é a luz na escuridão sem esperança. Ele é a paz em tôda a luta dos homens e das nações; e nós somos chamados a ser seus colaboradores». Nessa mesma sessão o Bispo Noth da Saxônia proferiu a conferência principal sobre o tema geral: Jesus Cristo, a luz do mundo. Disse, entre outras: não nos foi prometido sermos nós cristãos os mais inteligentes, os mais hábeis políticos, cientistas, técnicos, economis-

tas. Não é da nossa tarefa abrir concorrência entre a luz do mundo e as inúmeras luzes no mundo. Mas esta é a nossa certeza: onde cristãos, em nome de Jesus e em amor, enfrentarem as aflições e necessidades do mundo, resplandecerá a luz de Cristo, porque êle rompe as algemas do pecado, que prende sábios e néscios, inteligentes e tolos. Jesus Cristo, dado como a luz para todo o mundo, de tôdas as formas possíveis deve ser testemunhado ao mundo. Essa conferência era o tom básico, o fundo de tôdas as discussões por através de 18 dias.

Logo nas primeiras sessões plenárias foram tomadas as decisões de maior importância para todos que conhecem a história do movimento ecumênico. A primeira e mais importante: a integração do Conselho Internacional de Missões no Conselho Mundial de Igrejas. A segunda: a admissão de 23 novas Igrejas como membros do Conselho Mundial, entre elas 11 da África e 2 do Chile. Da maior repercussão em todo o mundo foi a admissão das Igrejas ortodoxas da Rússia, da Rumênia, Bulgária e Polônia. Não faltam vozes críticas que consideram a admissão dos russos como perigo de estarem abertas agora as portas para a influência comunista. Mas, quem acompanhou os acontecimentos ecumênicos, sabe que já desde há 40 anos havia contacto com as Igrejas Ortodoxas, sabe que nos últimos anos representações eclesiásticas da Europa e da América e do próprio Conselho Mundial estiveram na Rússia, em visita à Igreja Ortodoxa, e encontraram, após 40 anos de domínio comunista, uma Igreja que vive. Se essa Igreja pede ser admitida como membro do Conselho Mundial, desejando contacto e comunhão fraterna com as outras igrejas, a resposta positiva foi uma decisão eclesiástica e não política. A terceira resolução foi a ampliação da base do Conselho Mundial, aceita quase unanimemente: O Conselho Mundial de Igrejas é uma comunhão de Igrejas que, conforme a Sagrada Escritura, confessam Jesus Cristo como Deus e Salvador e por isso juntas procuram cumprir para o que foram chamadas, para a glória de Deus Pai, Filho e Espírito Santo.

De grande importância foi a presença de grande número de leigos e sua colaboração ativa. Sempre de novo foi sublinhado, com grande clareza, que as igrejas hoje não podem cumprir a sua missão ficando encerradas em si mesmas. Ser cristão não pode mais ser apenas uma questão dominical. Para que a palavra da reconciliação possa alcançar o mundo é necessário que não só alguns pastores e missionários, mas todos os cristãos compreendam e vivam a sua existência no mundo como testemunhas de Jesus Cristo, por êle mesmo enviados.

A Assembléia de New Delhi, já em si, como um fato, é da maior importância. Dentre tôdas as assembléias ecumênicas, até agora havidas, foi ela a maior, e foi-lhe dado fazer ouvir, perante o mundo, concentradamente, o testemunho comum da cristandade: Jesus Cristo é a luz do mundo.

Mas, de importância maior ainda, para a própria finalidade do movimento ecumênico, é o resultado do trabalho das três seções da assembleia, sobre os temas: Testemunho — Serviço — Unidade. E' impossível, neste breve relato sobre a conferência, trazer as resoluções aceitas pela Assembleia. Como decisão de importância histórica considero a definição da Unidade da Igreja, dada pela Assembleia de Nova Delhi. «O amor do Pai e do Filho na comunhão do Espírito Santo é fonte e fim da unidade que o Deus triunfo quer para todos os homens e toda a criação. Cremos que participamos dessa unidade na Igreja de Jesus Cristo, o qual é antes de tudo e no qual tudo consiste. Somente nele, ao qual o Pai instituiu como cabeça do corpo, a Igreja tem a sua verdadeira unidade. Em Pentecostes a realidade dessa unidade se tornou manifesta no dom do Espírito Santo, pelo qual neste tempo presente reconhecemos as primícias daquela unidade perfeita do Filho com o Pai, e a qual inteiramente só será conhecida, quando todas as coisas fôrem reunidas por Cristo em sua glória. O Senhor que no fim conduzirá todas as coisas à plena unidade, é quem nos faz procurar a unidade que é de sua vontade para sua Igreja, aqui e agora na terra.

Creemos que a Unidade que é ao mesmo tempo a vontade de Deus e a sua dádiva à sua Igreja, se torna visível, se em todos os lugares todos, que foram batizados em Jesus Cristo, confessando-o como Senhor e Salvador, pelo Espírito Santo são conduzidos a uma comunhão de responsabilidade integral, que confessa a uma fé apostólica, prega o uno evangelho, parte o uno pão, se une na oração comum, vivendo uma vida comum que em testemunho e serviço se dirige a todos. São unidos ao mesmo tempo com toda a cristandade, em todos os tempos e todos os lugares, de tal modo, que ministério e membros são reconhecidos por todos, podendo todos juntamente agir e falar assim, como a situação concreta o exigir em relação para com as tarefas, às quais Deus chama o seu povo. Cremos que é do nosso dever orar e trabalhar por tal unidade.» Esta breve definição, ou melhor descrição da Unidade deixa muitas perguntas abertas. Não há, ainda, opinião unânime sobre como compreender e com que meios alcançar tal fim. E' claro que Unidade não significa simplesmente uniformidade da organização, rito ou forma da vida. Todos confessam que há egoísmo no que nos separa, pecado que nos impede a conhecer claramente os traços do plano de Deus para o futuro. Mas temos a firme esperança que a vontade de Deus, testemunhada na Sagrada Escritura, pelo Santo Espírito sempre mais se tornará manifesta para nós e em nós. Alcançar a Unidade significa nada menos do que morte e renascimento de muitas formas da vida eclesiástica como nós as conhecemos. Cremos que, em última análise, não será menor o preço exigido. Essa descrição da Unidade, que desde o começo foi um dos principais interesses do movimento ecumênico, é entregue às Igrejas para que a estudem cuidadosamente, e, se a considerarem insuficiente, a substituam por outra descrição, que de um modo mais claro expresse em

que consiste a Unidade que é ao mesmo tempo vontade e dádiva de Deus.

A nossa Igreja participa da discussão ecumênica. Não poderia esquivar-se pois é clara a vontade expressa do Senhor que todos sejam um. Sabemos que a realização visível dessa unidade só poderá ser resultado da atuação de Cristo mesmo. Não sabemos, se está próxima ou não. Mas sabemos que vamos de encontro a essa grande realidade. Por isso não nos conformaremos com a atual situação de uma cristandade dividida, mas oraremos pela unidade e por todo esforço sincero a favor dela. Então, já aqui, Cristo pode conceder-nos a graça de anteciparmos, na fé, a realidade: apesar de tôdas as diferenças e separações — em Cristo somos um.